

Nizamuddin Auliya e Amir Khusro

traduzido por Eesha Sardesai

Há muito séculos, na Índia, vivia um mestre sufi que era conhecido por sua sabedoria, o poder de sua graça, generosidade e os milagres que operava na vida das pessoas. Seu nome era Hazrat Nizamuddin Auliya e ele pertencia à Ordem Chishti de santos sufis.

Nizamuddin havia estabelecido seu *khānqāh* nos arredores de Delhi. O *khānqāh* era um lugar de retiro espiritual, um oásis de calma verdejante onde pessoas de todas as classes sociais vinham para receber sustento para o corpo e para a alma. A cada dia, centenas de devotos chegavam para reverenciar o grande santo. Eles passavam horas, algumas vezes dias, na sagrada presença de Nizamuddin Auliya — recebendo seus ensinamentos, fazendo oferendas e se deliciando das abundantes refeições que eram preparadas com os alimentos que eram oferecidos ao mestre.

Em uma calma manhã, quando Nizamuddin estava sentado na varanda oferecendo suas orações a Alá – a Deus – ele viu um homem entrando no pátio de seu *khānqāh*. O homem estava todo alquebrado; cabisbaixo e com uma aparência de cansado, como se tivesse enfrentado muitas dificuldades em sua vida. Suas roupas estavam sujas e rasgadas e pendiam soltas sobre seu corpo.

O homem ergueu a cabeça e seus olhos encontraram os de Nizamuddin. Imediatamente ele correu até o santo e caiu a seus pés.

– Ó Mestre! – ele disse. Sua voz estava áspera, tingida com uma nota inconfundível de desespero. – Ó Mestre!

Nizamuddin colocou seu *misbāh*, seu rosário, sobre o tapete de orações, ao seu lado.

– Diga o que você deseja dizer. – Seu tom de voz era extremamente gentil.

– Ó Auliya – o homem disse tremulamente. – Ó Auliya, preciso da sua graça, sua *meherbānī*. Veja, tenho três filhas em idade de se casarem. São todas alegres e trabalhadoras. No entanto, sou apenas um camponês e a sorte passou longe de mim. Como você sabe, não há pretendente que se digne a casar se não houver dote. Fiz todos os esforços possíveis, fiz tudo que estava ao meu alcance – mas mesmo assim, não consigo dar um dote. O tempo está passando e agora não estou apenas desamparado, estou desesperado! Não tenho a quem recorrer, a quem me dirigir.

O homem continuou.

– Eu estava a ponto de perder toda esperança, Ó Auliya, quando um de seus devotos me falou sobre você. Mencionaram a sua grandeza, compaixão e generosidade. Então, vim de bem longe para receber seu *meherbānī*. Oh, por favor, conceda-me sua bondade. – E abaixou a cabeça em reverência.

Nizamuddin ouviu atentamente o apelo do pobre camponês.

– Sim, posso ajudá-lo – disse após alguns instantes. – Há muitas pessoas ricas que vêm aqui para receber sabedoria espiritual e um despertar interior e sempre vêm trazendo oferendas. Diga-me, você poderia ficar comigo por três dias?

– Sim, sim, farei qualquer coisa! – disse o camponês.

– Então tudo que as pessoas me oferecerem nos próximos três dias será seu, para levar – disse Nizamuddin.

Os olhos do camponês se arregalaram. *Que bênção incrível!* pensou. *Que benevolência! Nizamuddin Auliya dará a mim, um mero camponês, as oferendas que as pessoas fazem a ele!* Com o coração cheio de gratidão, sentou-se perto de Nizamuddin e esperou.

Uma hora se passou. Duas horas. Finalmente, o dia mesmo estava terminando. E ninguém havia vindo para receber o *deedār* de Nizamuddin, seu *darshan*. Nenhuma única pessoa havia vindo para fazer oferendas!

Nizamuddin olhou para o camponês com uma expressão gentil e disse:

– Ainda tem amanhã.

E assim, na manhã seguinte, quando Nizamuddin sentou-se na varanda e começou suas orações, o camponês voltou e se sentou por perto. Ele se juntou ao santo em oração. Tudo estava quieto – o único som que se ouvia era de alguns pássaros à distância. O sol da manhã se elevava firmemente no céu.

Mais uma vez, passou-se todo o dia e ninguém veio para receber as bênçãos de Nizamuddin Auliya. E à medida que a noite se aproximava, Nizamuddin voltou-se para o camponês e disse:

– Ainda tem amanhã.

Na terceira manhã, novamente Nizamuddin voltou a se sentar na varanda. O pátio estava verde e exuberante e as flores especialmente perfumadas. O sol passava através das folhas das árvores e com a luz salpicada a forma de Nizamuddin parecia ainda mais luminosa. A atmosfera no *khānqāh* parecia diferente naquele dia, de alguma forma mais especial – mais vívida em cores e pulsando com uma beleza quase sobrenatural.

Ainda assim, a situação foi a mesma: não houve novos visitantes. Nenhum novo buscador. Nenhum novo *chelās*, discípulo. Nenhum devoto ou peregrino. Nem uma única pessoa apareceu.

O camponês estava completamente transtornado. Nos três dias que lhe foi pedido para ficar, nenhum presente, nenhum dinheiro, nenhuma oferenda de qualquer tipo foi feita a Nizamuddin! Ele não podia acreditar que até mesmo ali, até mesmo no *khānqāh* de Hazrat Nizamuddin Auliya, sua terrível sorte continuava. Sua mente, todo seu ser, estava confuso. *O que eu fiz de errado?* pensou.

O camponês virou-se para Nizamuddin, com a angústia claramente estampada no rosto.

– Oh Mestre! – disse – sou mais desvalido, mais amaldiçoado do que pensava. Não sei como serei capaz de sustentar três filhas solteiras. Mas agora tenho que ir. Por favor permita-me partir.

Nizamuddin Auliya falou.

– Todos nascem com seu próprio destino. Você espera que suas filhas se casem. E você veio ao lugar certo para receber o que precisava para isso, e muito mais. Entretanto, sou um renunciante. O que recebo das pessoas é o que dou para aqueles que necessitam.

O camponês assentiu com tristeza, cabisbaixo.

– Dito isso, tenho algo que posso lhe dar – disse Nizamuddin. – Você pode vender e usar o dinheiro para comprar comida para sua viagem de volta para casa.

O camponês ergueu o olhar. Estava comovido porque o grande santo faria um esforço especial para garantir que ele tivesse alimento durante sua jornada.

Nizamuddin se levantou e entrou em seus aposentos. Quando retornou, estava usando sandálias. Ele parou na frente do camponês, retirou os pés das sandálias e disse:

– Pegue estas sandálias para você. Venda-as no mercado. Pelo menos terá algum dinheiro para comida.

O camponês pegou as sandálias, olhando-as com descrédito. Não tinha como saber quanto dinheiro receberia por elas: estavam esfarrapadas, as solas quase completamente desgastadas. Mesmo assim, levou a sério as palavras de Nizamuddin. Após inclinar-se para o santo uma última vez, partiu com as sandálias na mão.

O sol forte castigava conforme ele caminhava pela estrada de terra. Seus pés estavam pesados e sua mente confusa. Seu estômago reclamava ferozmente. Depois de uns vinte minutos de árdua caminhada, chegou numa árvore de folhas grandes, encurvadas. *Que bom*, disse para si mesmo com um suspiro de alívio. *Vou descansar alguns momentos embaixo desta árvore.*

Logo que se acomodou na sombra e seus olhos se fecharem, ouviu alguém vindo pela estrada. Espiou com os olhos semicerrados, e através do calor diáfano teve um tênue vislumbre, uma imagem difusa vindo em sua direção. A imagem difusa foi crescendo e crescendo, até que ele conseguiu ver a sua forma. Era uma enorme caravana: nove camelos carregando enormes pilhas de baús.

Um homem montava o primeiro camelo. Vestia uma túnica de seda refinada, e na cabeça usava um turbante cravejado de pedras preciosas: rubis, esmeraldas, safiras e etc. Quando a caravana se aproximou da árvore sob a qual o camponês descansava, o homem fez um sinal para que parasse. Em seguida desceu do camelo e, para espanto do camponês, caminhou em sua direção.

– Com licença senhor – disse o homem ao camponês. Sua voz era suave e cordial, tinha uma beleza quase melódica. – Por um acaso você conhece o santo Hazrat Nizamuddin?

– Por quê? Sim – disse o camponês. – Sim, é claro. Estou vindo do seu *khānqāh*.

– Ahh – disse o cavaleiro. – Sim. Sim, pensei que você poderia conhecê-lo. Sabe, eu estava cavalgando meu camelo e então senti... senti a fragrância mais maravilhosa...

O homem parou por um instante, com um olhar sonhador estampado no rosto conforme dava um suspiro profundo. Ao expirar, continuou:

– É a fragrância da presença do meu Mestre, tenho certeza disso. E vem de algum lugar aqui, de você ou desta árvore, ou...

Foi então que o cavaleiro viu: as sandálias de Nizamuddin. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Oh – disse ele docemente. – Elas são de... Auliya?

– Bem... sim – disse lentamente o camponês. Com curiosidade olhou para o cavaleiro, sem entender por que aquele homem de repente estava em lágrimas. – Ele me deu para vendê-las no mercado. Assim poderia conseguir algum dinheiro para comida.

– Vender? – perguntou o cavaleiro incrédulo. – Auliya lhe disse para vendê-las?

– Sim, ele disse isso – o camponês respondeu

O cavaleiro, por sua vez:

– Se este foi o comando de Auliya, então eu as comprarei de você. E em troca, pegue a minha caravana! Pegue os meus camelos. Pegue toda a seda contida nesses baús, todo o óleo fino, todas as especiarias, joias e ouro. Pegue tudo. E eu receberei essas sandálias de você.

– Pegar... tudo... que... está... aqui? – Agora foi a vez do camponês ficar incrédulo.

– Sim. – A voz do cavaleiro era firme. – Por favor, pegue tudo.

E então fizeram a troca. O camponês montou no camelo, boquiaberto diante da repentina mudança de sorte, e prontamente foi embora com a caravana: todos os baús, as sedas, o ouro. O cavaleiro, cujo nome era Amir Khusro, pegou as sandálias de seu Mestre.

Por alguns minutos Khusro olhou as sandálias fixamente, incapaz de acreditar no que via. Aqui, em suas mãos, estavam as sandálias de Hazrat Nizamuddin Auliya: o repositório da graça do Mestre, as bênçãos do Mestre, a sabedoria do Mestre, e todos os mistérios e misticismo do universo. Ele podia senti-los vibrando, pulsando com a energia vital, que não poderia ser outra coisa senão o próprio sopro de Deus.

Khusro era um poeta talentoso, músico e sábio que tinha servido os sultões de Delhi por muitos anos. Após se aposentar da corte real, juntou todos os seus pertences em uma caravana e decidiu passar o resto de seus dias a serviço de seu Mestre. Os nove camelos, os baús carregados de ouro e joias que tinham acabado de partir com o camponês, aquela era toda a sua riqueza mundana. Mas, isso pouco importava, especialmente diante do que tinha agora, o mais precioso presente de seu Mestre.

Khusro se sentou debaixo da grande árvore de folhas inclinadas e colocou as sandálias no topo da cabeça. Entrou em um transe profundo: as horas se transformaram em um dia, dois dias, três dias. Quando finalmente abriu os olhos, ao seu redor viu as mesmas coisas que já estavam lá antes: a estrada empoeirada, plantas brotando aqui e ali, a cidade no horizonte. No entanto, de alguma maneira estavam diferentes. Ou talvez, era ele quem estava diferente, vendo as coisas com um novo olhar. Tudo era tão vivo, respirando, pulsando – e ele era parte daquilo. Uno com tudo aquilo.

Tirou a faixa de seda verde que usava ao redor da cintura. Muito cuidadosamente, embrulhou as sandálias do Mestre na seda e novamente as colocou sobre a cabeça. Com as mãos segurando as sandálias, mantendo-as no lugar, ele se levantou e tomou o caminho rumo ao *khānqāh* de Nizamuddin.

Quando chegou, Nizamuddin estava sentado na varanda, passando as contas do *misbāh* entre os dedos. O *khānqāh* estava envolta em um mundo de cor, som e fragrância: os passarinhos pareciam cantar em coro; as flores estavam em floração vibrante; a luz do sol dançava através das árvores e fazia formas com as sombras.

Nizamuddin observou conforme Khusro se aproximava reverentemente, com o embrulho de seda verde sobre a cabeça. Quando chegou, Nizamuddin lhe perguntou:

– O que é isso que está carregando?

– Oh, Mestre. – Khusro disse avidamente. – Estas são suas sandálias abençoadas.

– Onde as conseguiu?

– Comprei de um pobre viajante – disse Khusro. – Ele estava sentado com elas, embaixo de uma árvore, não muito distante daqui.

– E quanto você pagou por elas?

O orgulho fez inchar o peito de Khusro.

– Ó Auliya! – exclamou. – Eu dei ao homem *tudo* o que possuía. Uma caravana com *nove* camelos. E esses camelos estavam carregados com seda, óleo, especiarias, ouro e muito, muito mais!

Nizamuddin continuou passando as contas do *misbāh* entre os dedos e disse a Amir Khusro:

– Então você pagou muito barato.



© 2021 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.